

# A INDÚSTRIA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E SEUS DANOS À ORGANIZAÇÃO DO DESEJO INDIVIDUAL

*The Information Technology Industry and its damage on the organization of individual desire*

*Luiza Tenan Vitor<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Considerando a indústria da tecnologia da informação como um dos pilares do poder e capitalismo no século XXI, o presente trabalho busca entender os efeitos e operações da indústria de *big data* no comportamento e psique humana. Apesar de mencionar dados e relatórios, utiliza-se como metodologia a revisão bibliográfica de teorias complementares que perpassam os temas poder, tecnologia e organização do desejo individual, objetivando a construção de uma narrativa que demonstra a importância da discussão.

Palavras-chave: Capitalismo de Vigilância; Big Techs; Psicopolítica.

## **ABSTRACT**

Considering the information technology industry as one of the pillars of power and capitalism in the 21st century, this work seeks to understand the effects and operations of the big tech industry on human behavior and psyche. Despite mentioning data and reports, the bibliographical review of complementary theories that permeate the themes of power, technology and organization of individual desire is used as methodology in the construction of a narrative that demonstrates the importance of the discussion.

Keywords: Big Techs; Psychopolitics; Surveillance Capitalism.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Este trabalho é resultado da participação como pesquisadora voluntária na Cátedra Celso Furtado da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022.

[luizatenan@outlook.com](mailto:luizatenan@outlook.com)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi construído a partir das reflexões expostas e dialogadas nos encontros coordenados pela Cátedra Celso Furtado em torno do tema “Poder e Capitalismo no Século XXI”. A coleta e análise de relatórios e dados publicados por organizações de pesquisa, assim como de documentos que definem a geopolítica e geoeconomia dos países centrais auxiliou a construção de uma narrativa que consolidasse a tese norteadora das discussões em sala. Tese essa que mobiliza alguns pilares para entender que com a passagem do século XX para o século XXI, uma série de mudanças na economia de mercado e no capitalismo levaram a reconfiguração da vida em sociedade, do mundo do trabalho, da distribuição de renda e riqueza e a capacidade de ascensão econômica de uma população. Dentre estes pilares, se destacam as indústrias relacionadas às finanças; armas; energia; tecnologia da informação (*big techs*); fármacos e agronegócio. Os complexos de poder que sustentam o capitalismo no século XXI são também exemplos práticos dos conceitos abstratos que estão sendo discutidos teoricamente no âmbito da economia política.

Pensando a atuação dos grandes centros empresariais como organizadores da lógica da dinâmica de poder, têm-se o arranjo entre o funcionamento das *big techs* e as novas técnicas de poder despontadas pelo neoliberalismo. Ao tratar das mais prestigiadas empresas de tecnologia da informação, é impossível ignorar seus danos à organização do desejo individual e da sociedade como um todo.

Destarte, resgata-se o entendimento de psicopolítica, conceito desenvolvido pelo filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han, fundamental para dissertar acerca das consequências do fortalecimento do complexo político-empresarial da tecnologia. Articulando o neoliberalismo às novas técnicas de poder, o autor cunha que “O poder está precisamente onde não é posto em evidência. Quanto maior é o poder, mais silenciosamente atua. Ele se dá sem ter que apontar ruidosamente para si mesmo.” (HAN, 2020, p. 25). Com o salto do setor de tecnologia da informação e comunicação no último século, a capacidade de comunicação com o mundo inteiro se mostrou tão auspiciosa que o lado danoso do uso das redes sociais, por exemplo, foi esquecido. A negligência com o fato de que aplicativos e *gadgets* são produzidos por empresas lucrativas esconde o fato de que os dados coletados a todo momento pelas *big techs* — grandes proprietárias dos dados — transformam informações

personais em mercadoria, produzindo algoritmos que localizam grandes padrões de comportamento e gosto, colabora com a atuação silenciosa do poder.

A principal discussão proposta pelo artigo se dá a partir da constatação de que a tecnologia da informação não está apenas a serviço da troca de informações, mas é sobretudo um bem privado a serviço da articulação entre os donos do poder e os donos do dinheiro, entre a acumulação de poder e a acumulação de capital. O alcance das empresas de tecnologia é significativo. Segundo dados da *We Are Social*, em janeiro de 2022, dentre a população total de 7,91 bilhões de pessoas, 5,31 bilhões, ou seja, 67,1% tem um celular próprio e 4,62 bilhões (58,4%) usam redes sociais diariamente.

Dentre as plataformas mais usadas pela população mundial, está em primeiro lugar o *Facebook*, recentemente tornado parte do grupo Meta<sup>2</sup>, que também inclui o *Instagram*, *Whatsapp*, e outras marcas. Em estudo quantitativo, demonstra-se que a audiência potencial alcançada pelos anúncios (*ads*) dispostos no *Facebook* é de 2,11 bilhões, o que significa que 2,11 bilhões de usuários são alcançados ou conquistados através das chamativas propagandas. Isto é, 26,7% da população está suscetível ao marketing estruturado pela Meta.

Nesse ínterim, o presente artigo perpassa as principais referências sobre poder nas áreas da sociologia e filosofia para o entendimento da operação de poder das *big techs*. De Foucault à Deleuze, questiona-se: *com quais assertivas se cria e opera um modelo sobre o poder?*

## **O CICLO DE FUNCIONAMENTO DAS *BIG TECHS***

Com o salto do setor de tecnologia de informação e comunicação no último século, a capacidade de comunicação com o mundo inteiro se mostrou tão auspiciosa que o lado danoso da tecnologia da informação foi obscurecido. A falta de conhecimento de que redes sociais, serviços de pesquisa, *gadgets*, entre outros, são mediados por empresas lucrativas esconde o fato de que os dados coletados a todo momento pelas *big techs* transformam informações pessoais em mercadoria, produzindo algoritmos que localizam minuciosamente padrões de comportamento e gosto.

---

<sup>2</sup> A *Meta Plataformas, Inc.* é um conglomerado de tecnologia e mídia social fundado por Mark Zuckerberg e outros. Além de sua extensa plataforma de redes sociais que incluem Facebook, Facebook Messenger, Facebook Watch, Facebook Portal, Instagram, WhatsApp, Oculus VR, Giphy e Mapillary, a empresa oferece outros produtos e serviços.

Pensando nessas ferramentas como frutos de um complexo empresarial, entende-se que as *big techs* funcionam em um ciclo de organização, refinamento e distribuição de um produto, que são as informações sobre os usuários. Para esclarecimento dos termos, a etapa que envolve a coleta, organização e análise da informação é conhecida como *big data*. Depois disso, com os dados refinados, são detectados padrões de comportamento no que se chama de *data science*. Por fim, a distribuição desses dados é feita no que se entende como *data analytics*, processo que ao interpretar os padrões de comportamento, aplica esses padrões em decisões sobre publicidade, por exemplo, através dos algoritmos<sup>3</sup>.

No entanto, para que uma *big tech* tenha um algoritmo mais refinado e preciso, é necessário que um grande número de informações sejam elaboradas. Essa concentração de informações divide os diferentes tipos de consumo dentro das redes. Assim, criam-se bolhas de gostos e padrões similares entre os usuários das redes e dificulta-se o olhar para a sociedade como um complexo de múltiplas opiniões e gostos, o que tem implicações na organização social. Apenas essa breve nomeação do processo de mercantilização da informação esclarece como os que aderem ao uso das tecnologias da informação estão diante de uma era da vigilância permanente, em que tudo que é compartilhado ou comunicado se torna mercadoria.

O *big data*, entendido por Shoshana Zuboff, autora de “A era do capitalismo de vigilância”, como componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, deságua e corrobora com uma nova forma de capitalismo, nomeada capitalismo da vigilância. Produzindo receitas de mercado, essa nova forma modifica o comportamento humano em prol da acumulação de informação.

## **NÓS, DISPOSITIVOS DE VIGILÂNCIA**

Ao propor o conceito de capitalismo de vigilância, Zuboff (2020) trata da mudança comportamental dos indivíduos que, voluntariamente, se dispõem a fornecer gratuitamente informações sobre onde habitamos, sobre o que nos questionamos, que lugares frequentamos, etc., para grandes empresas. Nesse processo, a experiência humana foi e está sendo mercantilizada. Em definição exata, o capitalismo de vigilância é “Uma nova ordem econômica que reivindica a

---

<sup>3</sup> Em definição simplificada, algoritmo é uma sequência de ações ou procedimentos padronizados que visam obter solução para um problema. Os algoritmos são responsáveis por processar grandes volumes de informações em pouco tempo.

experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas” (ZUBOFF, 2020, p. 14). As novas formas de concentração de riqueza e de conhecimento marcam, sem precedentes, a mutação do capitalismo para uma nova fase.

Nessa nova ordem econômica, a experiência humana é usada como matéria-prima para práticas comerciais, colocando em ameaça a democracia de mercado. Tecendo uma crítica política da tecnologia, o pesquisador bielorusso Evgeny Morozov entende a tecnologia digital como “um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos.” (MOROZOV, 2018, p. 7). Morozov analisa que aplicativos como *Uber* e *Airbnb*, por exemplo, são capazes de desconstruir legislações trabalhistas ou modificar a valorização de imóveis no mercado. Desse modo, o processo de digitalização dos afazeres diários parece desaguar em enfraquecimento estatal e contínua privatização destes serviços.

Em resgate histórico, tem-se que a partir do desenvolvimento da mídia analógica, que vai desde a invenção da imprensa no século XV até o ano de 2004, a tecnologia da informação permitiu a comunicação em larga escala. No entanto, com distribuição controlada por empresas de mídia de massa e pelos governos, incentivada a manter uma ampla rede de contatos. Com a chegada da *Web 2.0*<sup>4</sup> e das mídias sociais no começo do século XXI, tornou-se cada vez mais fácil o acesso à essa rede de comunicação mundial.

A diferença está na distribuição, que atualmente é controlada por empresas de tecnologia e algoritmos incentivadas a mapear e mobilizar o público em prol de vendas e publicidade, principalmente. Como Piketty afirma em *O capital no século XXI*: “Não existe uma variante única do capitalismo ou da organização da produção [...]. Isto sem dúvida continuará valendo para o futuro, pois novas formas de organização e de propriedade ainda estão para ser inventadas” (PIKETTY, 2014, p. 483). Nesse sentido, uma das grandes forças do modelo capitalista é a facilidade de adaptação e reconversão.

---

<sup>4</sup> Termo usado a partir de 2004 para indicar um novo momento do uso da internet. É quando iniciam-se novas comunidades e serviços que usam a Web (teia, rede ou sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet) como plataforma.

## NOVAS ESTRUTURAS DE DOMINAÇÃO

Historicamente, na passagem do feudalismo para o capitalismo as relações e classes, que eram estáticas, passaram a ser passíveis de ascensão. Enquanto no feudalismo tanto o servo quanto o senhor da sociedade estamental nasciam e morriam dentro do mesmo espaço social compondo uma mesma “classe” por toda a vida, com o advento do capitalismo há a possibilidade de ascender socialmente. O surgimento da moeda, junto do capitalismo, permite que o dinheiro seja guardado para o depois. Ao separar o momento da venda e o momento da compra, conseqüentemente, constrói-se uma noção moderna de futuro a partir da ideia de poupar. Assim, o planejamento e reflexão sobre a própria trajetória de vida reinam no sujeito capitalista que é dotado de auto reflexão e tem a capacidade de planejar como ele pretende conduzir sua própria vida para melhorar sua posição social no futuro. A possibilidade de mobilidade social faz o modelo capitalista parecer envolvente e promissor, o que legitima o processo de acumulação do capital e faz a disputa pela riqueza se transformar em algo fundamental.

Na atualidade, as mudanças tecnológicas no mundo do trabalho, por exemplo, tem feito com que menos pessoas possam participar dessa mobilidade social e da capacidade de ascender, o que faz com que o capitalismo se pareça com o modelo feudalista. O desejo e a insatisfação constante levam o consumo a ser um meio de auto-identificação. Aqui, o Estado impõe que as pessoas supostamente necessitam do consumo enquanto o mercado oferece o que as pessoas realmente desejam. No entanto, essas transformações tecnológicas supracitadas parecem ser favoráveis, mas podem dificultar a ascensão social, o que causa desilusão, pessimismo, desencantamento para com as expectativas de construção e realização de seus desejos.

Ainda, a partir das reflexões de Fernand Braudel (1987) entende-se o capitalismo como realidade de ordem política, social e até civilizacional, realidade esta na qual são traçadas dinâmicas de poder econômico e político a partir da reciprocidades entre os países centrais e as periferias. Tal entendimento é construído a partir da teoria dos sistema-mundo<sup>5</sup>, desenvolvida por Wallerstein (1999). O autor coloca que com a chegada da modernidade, inserção da moeda e

---

<sup>5</sup> Em resumo, a teoria do sistema mundo compreende as inter-relações de sobreposição entre países centrais, periféricos e semiperiféricos. Ver mais em: WALLERSTEIN, Immanuel. *Análise dos sistemas mundiais*. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). Teoria social Hoje. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

crescimento das cidades, iniciou-se um modo de organização que orienta por consumo. Doravante, o mercado estabelece uma fronteira entre o que se situa no mercado e, portanto, tem valor de troca, e o que está fora do mercado e em oposição, tem valor de uso.

De Foucault à Deleuze, questiona-se: com quais assertivas se cria e opera um modelo sobre o poder? Para Deleuze, o entendimento de poder seria composto pelos pensamentos de Nietzsche, Espinosa e Foucault. Nas análises foucaultianas sobre poder, tecendo um paralelo com a filosofia, o entrelaço de poder e capitalismo é apontado criticamente:

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder (...). (FOUCAULT, 2017, p. 248).

Utilizando-se do método genealógico que foi empregado por Nietzsche em sua análise dos valores, em *Microfísica do Poder* (2017) Foucault procura complementar suas investigações acerca das condições histórico-filosóficas de existência das ciências do homem, situando-as em relação a outros saberes da modernidade — com uma genealogia do poder que explicasse o aparecimento dos saberes sobre o homem como elementos de um dispositivo de natureza política, como peças de relações de poder. Na obra, o autor rejeita a identificação entre poder e aparelho de Estado, dando maior importância a rede de poderes moleculares que se expande por toda a sociedade.

Em contrapartida, Deleuze afirma que não estamos mais numa sociedade de controle como foi descrito por Foucault, mas descreve o momento do século XXI como “sociedade de controle”. Esta, atua através de redes orientadas por códigos e senhas, empresas imateriais e principalmente através da transformação do indivíduo ocasionada pelas novas dinâmicas de poder. Nas sociedades de controle, a temporalidade também se modifica.

Além da noção de sociedade do controle cunhada por Deleuze, tem-se a noção de sociedade do cansaço cunhada por Byung-Chul Han (2017). O autor descreve a passagem de uma sociedade disciplinar, marcada pela negatividade,

controle e alteridade para uma sociedade do cansaço, desempenho, esgotamento e positividade extrema, excesso de estímulo e informação. A partir do entendimento da sociedade de cansaço, Han compreende que com o passar do tempo tem-se a transformação do sujeito em projeto. Resgatando a origem etimológica do termo sujeito, que deriva do latim *subjectus*, a palavra trata da ideia de sujeito sujeitado, submetido à certas regras na relação com o outro. Essa noção de alteridade, um outro com quem o sujeito se relaciona, impõe limites de atuação.

Na apreensão de Han (2020) esse campo de atuação em relação ao outro é rejeitado pela sociedade neoliberal, visto que o modelo neoliberal almeja a substituição das instâncias de negatividade por instâncias de positividade plena a partir da colocação do sujeito como projeto; sempre inacabado, contando com o devir. A proposta de eterna continuidade e realização, sem término específico mantém o ciclo eterno da produtividade, da realização constante e como alguém não realizado, como um projeto que não tem como ser alcançado.

Ao mesmo tempo, o bom êxito da extração de dados é conseguido graças à gratuidade dos serviços, que, em profundidade, são financiados pela venda dos dados dispostos à empresa. A inteligência do sistema neoliberal se dá na relação com esses sentimentos. Segundo Byung-Chul Han, “quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso”. (HAN, 2020, p. 16). Comparada às sociedades de soberania e disciplinar, dos séculos XVI a XVII e XVIII a XIX, respectivamente, a sociedade de controle permite que o ser seja individual e as instituições que compõem esse novo modelo de sociedade dos séculos XX e XXI imponham desejos, naturalizando um certo *modus operandi* a partir do desejo. Essa estrutura de dominação, para além das instituições, conta com a diferença na percepção da espacialidade e temporalidade bem como com a atualização das formas econômica, social e política.

Ainda segundo Byung-Chul Han, o fascínio pela produtividade a todo instante torna o sujeito um servo do desempenho, um “servo absoluto, na medida em que, sem nenhum senhor, explora voluntariamente a si mesmo” (HAN, 2020, p. 10). Nesse sentido, as liberdades individuais conquistadas são exploradas obstinadamente. Em *A Ideologia Alemã (2001)*, ao tratar da divisão do trabalho e da transformação das forças pessoais em forças materiais, Marx coloca que é a partir

do viver em comunidade que a liberdade pessoal é possível. (MARX, ENGELS, 2001).

Resgatando a perspectiva foucaultiana sobre biopoder, nota-se que o sujeito psicossocial é somente mais um elemento de mercado:

Pela primeira vez na história o biológico reflete-se no político. Mas o que se poderia chamar de limiar da modernidade biológica de uma sociedade se situa no momento em que a espécie entra como algo em jogo em suas próprias estratégias políticas. O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão. (FOUCAULT, 2001, p. 155).

Em entrevista concedida a Toni Negri no ano de 1990, Gilles Deleuze discorre sobre o movimento de entrada para as sociedades de controle. Segundo o autor, estudioso da obra de Michel Foucault, estaríamos entrando numa era que funciona não mais por confinamento, como era entendida a sociedade disciplinar, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. Ainda, comenta que “talvez a fala, a comunicação, estejam apodrecidas” (DELEUZE, 2017, p. 221) e que “é preciso um desvio da fala”, (Ibidem) momentos de não-comunicação para escapar do controle.

Enquanto as redes sociais nos convidam, a todo momento, à compartilhar e curtir incessantemente o que nos agrada, a fala de Deleuze se faz lúcida. Nesse caso, esse mecanismo de poder e dominação consegue ser extremamente opressor à medida que é sorrateiro, quase invisível.

## **PSICOPOLÍTICA**

Apoiado principalmente na filosofia, em obras de filósofos como Heidegger, Deleuze e Foucault, mas também na sociologia e psicologia, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han analisa as novas técnicas de poder do capitalismo angariando suas influências na vida psíquica. Para o autor, a psicopolítica é uma técnica de dominação que seduz homens e mulheres para que estes se submetam às forças de dominação neoliberais. Ao longo da obra, a noção de psicopolítica é construída de acordo com algumas expressões que definem o funcionamento invasivo da internet e dos smartphones, mostrando que esse novo tipo de controle incide não só sobre os corpos, mas principalmente sobre as mentes.

Originariamente, psicopolítica advém do termo biopolítica, usado por Foucault para tratar de sociedades disciplinares focalizadas no controle dos corpos. Apesar

de reconhecer sua relevância no campo, Han critica a ideia apontando que esta é incapaz de interpretar as sociedades neoliberais. Considerando as novas formas de poder, a psicopolítica mobiliza a emoção: são feitas pequenas manipulações a partir de um sistema de recompensas.

Uma dessas novas formas de poder é explorada pelas big techs, como demonstrado até aqui. A possibilidade infinita de conexões e informações disponibilizadas pelos *gadgets* e redes sociais atua diretamente na carência, fazendo os usuários pensarem que são verdadeiramente livres enquanto acessam a internet. Ter um smartphone em mãos convida, constantemente, a comunicar e compartilhar imagens e informações sobre opiniões e desejos.

Han define essa constante exposição de informações como um “panóptico digital”. Diferente do panóptico benthamiano<sup>6</sup>, o digital tem pontos cegos, como se fossem brechas onde os pensamentos e desejos mais subjetivos são percebidos, afinal, o monitoramento das redes e *apps* é feito com colaboração dos usuários, voluntariamente e livremente, o que permite a construção de um panorama bem fundado da consciência humana. Ao desvendar padrões de consumo e interesses a todo momento, a capacidade de investigação dos *big data* é imensurável. Han insiste: “Os *big data* talvez tornem legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos totalmente conscientes” (HAN, 2020, p. 88).

Outra definição importante cunhada por Han é a de *dataísmo*, termo emprestado por David Brooks, que trata da ideia de que tudo o que pode ser medido, deve ser. A ideia pode ser entendida como um segundo iluminismo, visto que entende que a captação de números e dados é sempre positiva.

O perigo iminente do *dataísmo* é a propensão ao totalitarismo digital. As ferramentas de *big data* e *data mining*<sup>7</sup> são comumente usadas no planejamento e execução de campanhas políticas e até para o acompanhamento do eleitorado por meio do micro-targeting. Nessas situações que interferem diretamente na formação de opinião, ou seja, no mínimo de livre arbítrio de cada sujeito, é clara a desvalorização do cidadão, que é tratado como mero consumidor. Segundo Han, o *data mining* e os *big data* revelam “um campo de ação estruturado de maneira

---

<sup>6</sup> O panoptismo foi iniciado por Jeremy Bentham no século XVIII e foi um modelo de prisão circular que permite que o observador, localizado numa torre central, possa enxergar todas as celas ao mesmo tempo.

<sup>7</sup> A mineração de dados denomina o processo de exploração dos dados coletados à procura de padrões, seqüências, subconjuntos, entre outros.

inconsciente” e tornariam visíveis “microações que escapariam à consciência” (HAN, 2020, p. 89).

Os clientes das empresas são os anúncios publicitários enquanto os usuários são os produtos vendidos. Para garantir sucesso, um anúncio publicitário precisa de muitos dados disponíveis. Esse é o mercado que negocia os gostos, escolhas e o futuro humano, inclusive no âmbito político. Ao tratar desse novo modelo econômico, Han menciona a passagem do capitalismo industrial para um capitalismo imaterial:

[...] no regime neoliberal não existe um proletariado ou uma classe trabalhadora que seria explorada pelo proprietário dos meios de produção. Na produção imaterial, de um jeito ou de outro, cada um possui seu próprio meio de produção. O sistema neoliberal não é mais um sistema de classes em sentido estrito. Ele não se constitui por estratos antagônicos da sociedade. É aí que reside a estabilidade do sistema (HAN, 2020, p. 15).

Nesse ínterim, o sujeito se torna o que o autor nomeia de *quantified self*, processo em que a subjetividade dos que acessam a internet e usam aparelhos celulares é transformada em um conjunto de dados monitorados por *gadgets*, relógios inteligentes e aparelhos eletrônicos de mapeamento das funções corporais e mentais, vendidas com o intuito de otimizar e maximizar essas funções transformando o indivíduo em um projeto perfeito.

O próprio poder de escolha a nível democrático é afetado por essas ferramentas que são capazes de gerar e distribuir notícias falsas em poucos segundos. As disputas de poder se amparam em estratégias discursivas e mobilização de afetos políticos. A partir da possibilidade de atualização da página para consumir algo novo, por exemplo, têm-se um tipo de reforço intermitente positivo. É uma tecnologia persuasiva que tem a função de implantar um hábito inconsciente.

Ao contrário das sociedades disciplinares, os usuários são seduzidos, atraídos pelo consumo e prazer. É marcada a passagem da biopolítica, que empreende seus esforços sobre o corpo, para a psicopolítica, que faz isso com a psique. Nesse sentido, o poder assume silenciosamente sua forma mais desenfreada, dominando os sujeitos de forma inconsciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mesmo tempo que a indústria de *big data* emergiu como um dos pilares do poder e do capitalismo no século XXI, esta também foi moldada pelas forças geopolíticas e geoeconômicas mais amplas que orientam a economia global. Ao longo dos anos, relatórios e bancos de dados, bem como os documentos fundamentais que definem a geopolítica e a geoeconomia dos países centrais, desempenharam um papel significativo na formação da narrativa em torno do impacto da indústria de tecnologia da informação na psicologia humana.

A partir da observação destes, conclui-se que o desenvolvimento da *Web 2.0* e a proliferação de plataformas de mídias sociais deram origem a uma nova forma de esfera pública, na qual os indivíduos podem compartilhar seus pensamentos e opiniões com um público global. Isso levou ao surgimento de uma nova forma de poder político, baseada na capacidade de moldar a opinião pública e influenciar as decisões dos governos e outras instituições. Como os dados se tornaram uma mercadoria valiosa, empresas e governos procuraram coletar, armazenar e analisar grandes quantidades de informações sobre indivíduos e organizações. No processo, estes criaram uma nova forma de poder, baseada na capacidade de acessar, interpretar e manipular dados.

É notável o caso estadunidense, país que há muito tempo é líder no desenvolvimento de tecnologia da informação e têm desempenhado um papel significativo na formação do mercado global de dados e análises. O caso do *Facebook*, agora pertencente à Meta, foi usado como exemplo por ser a plataforma social mais usada do mundo, segundo dados da We Are Social, são cerca de 2 bilhões e novecentos mil usuários ativos por mês (anexo 1). Ainda, enquanto os usuários ativos no Facebook somam cerca de 36,8% da população mundial, 73,9% desse total é entendido como audiência atingida pelos anúncios (ads) expostos no *site*.

Durante a última década, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou diversos relatórios de recomendação de gestão de riscos de segurança digital e diretrizes para a proteção de privacidade e fluxos transfronteiriços de dados pessoais. Todavia, os esforços não são suficientes para impedir as principais empresas de tecnologia do mundo de

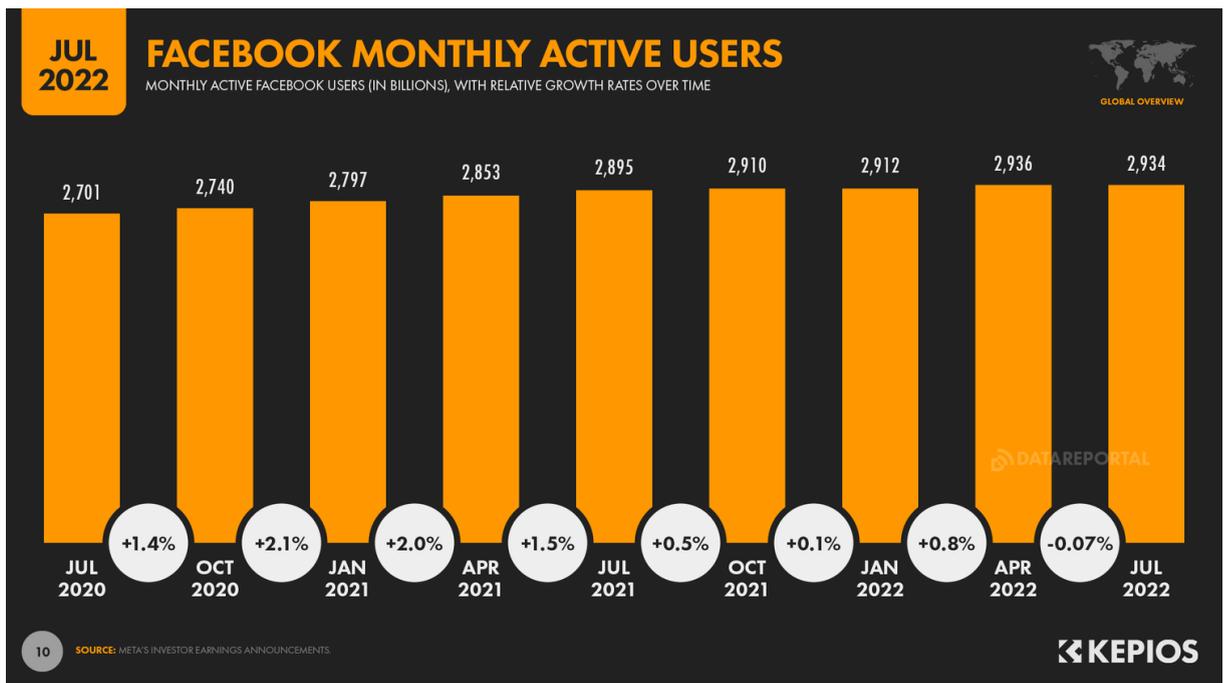
continuarem a expandir seus lucros. O fator geopolítico colabora para a lucidez sobre a distribuição desses investimentos. Segundo relatório produzido em 2018 pelo *Visual Capitalist* (anexo 2), as vinte principais empresas de tecnologia são chinesas ou estadunidenses. No topo da lista, está a Apple, avaliada em 915 bilhões de dólares.

De toda maneira, faz-se clara a colocação de Braudel (1987) que diz que o capitalismo se passa naquela antessala em que se encontram os donos do dinheiro e os donos do poder. A facilidade de adaptação do capitalismo, supracitada quando tratava-se do sujeito como dispositivo de vigilância, é palpável ao observar, sorrateiramente, alguns dados. Como tal, resta continuar a examinar e analisar relatórios e bases de dados, bem como os documentos fundamentais que moldam a narrativa em torno do impacto da indústria de tecnologia da informação na psicologia humana.

## ANEXOS

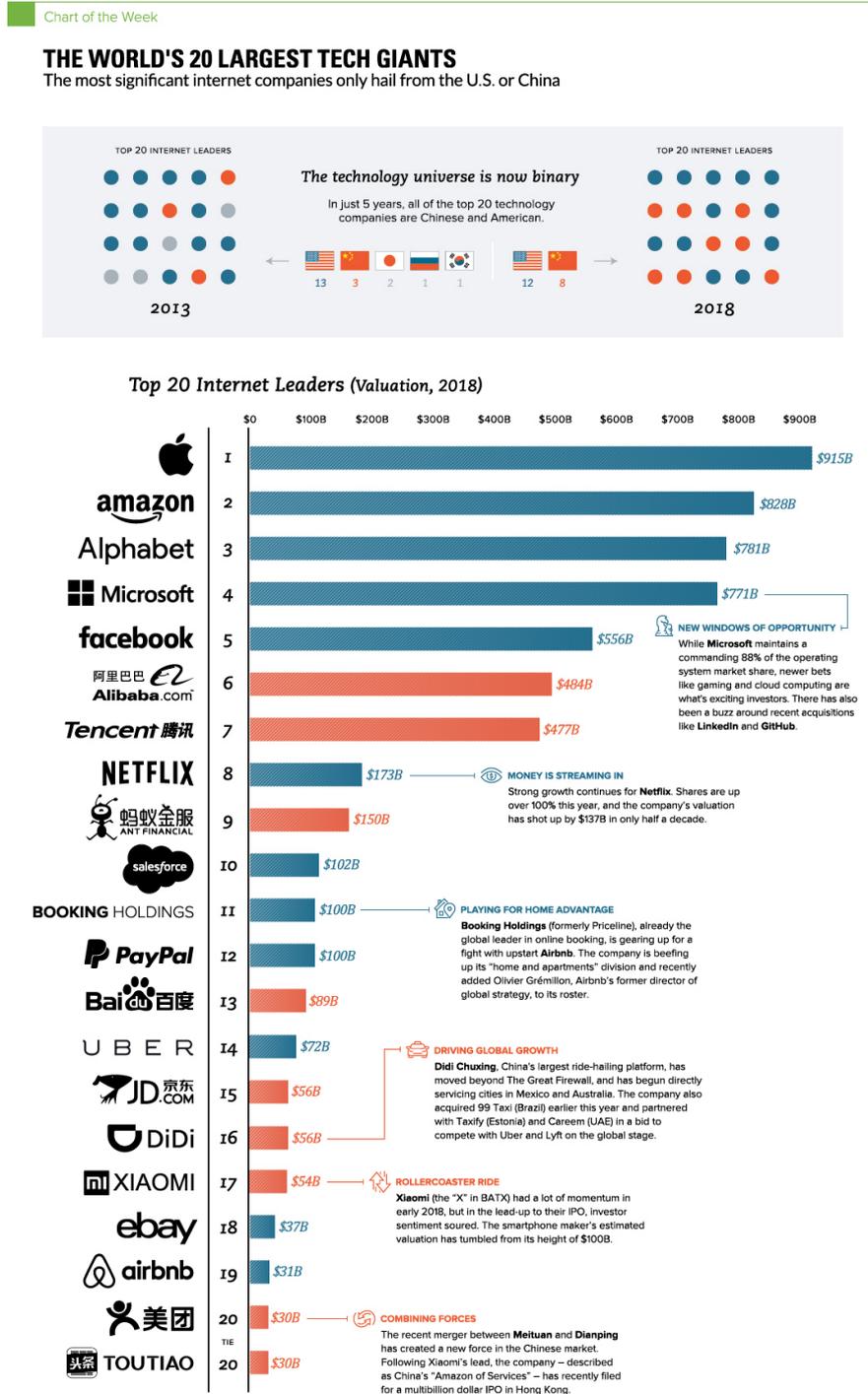
Anexo 1 - Gráfico organizado pela Data Reportal que demonstra o crescimento do número de usuários ativos no *Facebook* durante os anos de 2020 a 2022.

Fonte: <https://datareportal.com/essential-facebook-stats>



## Anexo 2 - Gráfico de avaliação das vinte maiores empresas de tecnologia do mundo.

Fonte: <https://www.visualcapitalist.com/visualizing-worlds-20-largest-tech-giants/>



## REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

BRUNO, Fernanda (org). *Tecnopolíticas da vigilância*. São Paulo, Boitempo, 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2017.

FRASER, Nancy e JAEGGI, Rahel. *Intersecções: perspectivas para um capitalismo pós-racista e pós-sexista*. In: Capitalismo em debate. São Paulo: Ed. Boitempo, 2020.

GILLES, Deleuze. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica - o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Ed. Âyiné, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Ed Vozes, 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

OECD (2022), Internet access (indicator). doi: 10.1787/69c2b997-en. Accessed on 27 October 2022

PIKETTY, Thomas. *Capital in the twenty-first century*. Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org). *A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais*. São Paulo, Hedra, 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Análise dos sistemas mundiais*. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). *Teoria social Hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca 2020.